

## A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA PESQUISA CIENTÍFICA

Almiro SCHULZ

Centro Universitário do Triângulo (Unit)

Mestre em Filosofia da Educação pela PUC-Campinas

### RESUMO

*É preciso que a pesquisa científica seja mediada por uma perspectiva ética teleológica. O resultado da pesquisa em si já não responde mais as inquietações da atual fase da civilização. É preciso que a ação científica se realize de acordo com um projeto para a humanidade. Para isso, ela por si só é incapaz. Precisa se fundamentar numa visão de mundo e de homem; sua intencionalidade e seu resultado precisam contemplar a humanidade como um todo. Nesse sentido a ética poderá auxiliar.*

### ABSTRACT

*Scientific research oughts to be mediated by an ethic teleological perspective. The result of the inquiry cannot by itself face any more the increased uneasiness of the current civilization. Scientific action must be done according to a project for humanity. For his purpose, it is by itself incapable. It has to be based in a vision of the world and of the man. Intentions and results have to contemplate humanity as a whole. In this way, ethics may help science.*

O nosso tempo atual é propício para o resgate da ética. Muito já se tem escrito e dito sobre a época presente, como sendo uma fase em que se estão gestando profundas transformações. Ele é considerado como um período de crise, enquanto superação do velho e instauração do novo. É um tempo de incertezas e de busca de paradigmas, atingindo as várias instâncias das relações humanas enquanto processo da configuração do novo.

Nessa fase em que a ciência e a tecnologia atingiram seu auge, o saber científico - objetivo é colocado em questão, abrindo assim espaço para novos referenciais para pautar as relações humanas.

É nesse sentido que a pergunta pela ética encontra relevância no novo cenário sócio-cultural.

Temo que, se de um lado o cientificismo se vê esgotado, haja o risco de se cair num misticismo, como reação ao puro objetivismo. Diante disso, vejo a necessidade e a importância da ética como mediação e interlocução, não apenas para o uso do resultado da pesquisa, mas enquanto atividade e busca do novo saber.

A preocupação com a questão da ética e da pesquisa decorre da percepção e crítica de que houve um distanciamento entre ambas, causado pelas promessas científicas do Iluminismo. Porém, foi-se o tempo de ilusão do triunfo da razão. Diante

disso, pretendo relacionar algumas implicações entre ética e pesquisa.

### 1. Entendimento de ética e de moral

Não é nenhuma novidade falar sobre o sentido e o entendimento de ética e de moral, sobre suas semelhanças e diferenças. Do outro lado, é uma questão que nem sempre é clara. Sendo assim, vejo que é importante esclarecer qual o sentido ou qual a conotação que dou à ética e à moral.

Não há unanimidade quanto o sentido que se dá aos termos, ética e moral. Existem autores que os usam como sinônimos, outros os empregam como “intercambiáveis” e aqueles que fazem uma diferença entre moral e ética. A busca de solução a partir dos termos, não é uma garantia. Diz Ernst Tugendhat: “*Realmente os termos ‘ética’ e ‘moral’ não são particularmente apropriados para nos orientarmos*”.<sup>1</sup> O termo “*ethicos*” foi traduzido para o latim “*moralis*” e este para o alemão de “*Sitten*”, ambos com o sentido de costumes. Como “costume” Kant entende a doutrina da conduta, a complexidade de regras que disciplinam a ação do homem como ser livre. A ética como ciência que se ocupa das leis da liberdade, do ser histórico e cultural<sup>2</sup>

Como o objetivo não é um estudo da história do sentido dos termos, mas esclarecer o sentido em que os emprego, quero indicar e clarear a diferença que estabeleço entre ética e moral. Parto da compreensão que se tem da ética em Aristóteles, com todo o risco que se corre quanto ao seu entendimento. Ao termo “*éthos*” (grego) se dá o significado de “*ciência do costume*”<sup>3</sup>. Portanto, mais que costumes, é ciência do costume, aspecto a que voltarei mais adiante.

O sentido de ética em Aristóteles está vinculado a sua visão de homem e da realidade. O homem não é aleatório e como tal, não age aleatoriamente. Ética é agir de acordo com a “*Dianeia*” (lei do que em nós é propriamente humano) É um agir segundo o “*nous*”, a inteligência “*pura*”.<sup>4</sup> Nesse sentido, ética é um agir de acordo com um fim, é teleológico. Esse fim para Aristóteles é o “sumo bem” (endemonia), a felicidade, que não se limita ao subjetivo, ao prazer individual, mas corresponde a uma dimensão objetiva, ao homem

como um ser social. Nessa compreensão, a ética culmina na política, na cidadania, na felicidade e no supremo bem comum.<sup>5</sup>

É importante ressaltar que segundo Aristóteles, o comportamento, as atitudes não devem ser condicionados pelo sensitivo, mas pelo “*nous*”, relacionado às virtudes, que significam um agir equilibrado; é um meio termo entre o “*excesso e a falta*”,<sup>6</sup> entre a dor e o prazer, sob critério da razão.

*“Desde que ocorreu dizermos anteriormente que se deve preferir o meio, e não o excesso nem a falta; e sendo o meio determinado pela reta razão, declare-se isto mais distintamente”*.<sup>7</sup>

*“Pois que a felicidade não reside em semelhante modo de viver, porém nos atos conformes à virtude, como dissemos acima... Se a felicidade é atividade conforme à virtude, é bem razoável que seja conforme à virtude mais excelente, e esta será a virtude daquilo que em nós há de melhor. Logo seja isto o pensamento, ou outra coisa, que pareça por natureza ordenar e guiar e tenha inteligência das coisas belas e divinas”*.<sup>8</sup>

É nessa rápida consideração do entendimento da ética em Aristóteles que estabeleço uma distinção entre ética e moral. Também para A. S. Vasquez, não se pode confundir a ética e a moral, diz que “*A ética é a teoria ou ciência do comportamento dos homens em sociedade*”<sup>9</sup>; enquanto que a moral “*é um conjunto de normas, aceitas livremente e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens*”<sup>10</sup>. Há pois nesses conceitos uma diferença: a ética não é uma moral no sentido de costumes de um povo, mas estes estão sujeitos à avaliação e ao estudo da ética, pois esta, parte de práticas morais já em vigor, que são seu objeto e ela é a teoria para iluminar as ações.

Retomando o sentido de “*ethos*” como ciência da moral e as considerações já feitas, quero dizer que uso ética como um paradigma, como um “instrumental”, cujo objeto de estudo é a moral e o procedimento das relações humanas, serve para nortear a sociedade e indicar um agir com sentido; com vistas a um projeto para a humanidade. É claro que isso pressupõe uma visão de uma vida humana integrada numa totalidade cósmica e social. O que implica uma concepção de mundo não positivista

e mecanicista. Entendo, pois, que nesse sentido, a ética se torna pertinente para a ciência e para a pesquisa científica e precisa ser retomada.

## 2. Um novo espaço para a ética diante da crise da cientificidade e objetividade

Hilton Japiassú no seu texto “*A crise da razão e do saber objetivo*”, num dos capítulos ele aborda a crise da ciência, enquanto ideologia cientificista<sup>11</sup>, abrindo-se assim espaço para novas perguntas e a busca de novos referenciais, dando lugar para a ética.

A construção de uma visão de mundo no Ocidente edificada sobre o paradigma da ciência, com base na elevação da razão ao nível absoluto, com sua interpretação mecanicista da realidade, está em questão. Como diz Japiassú

*“A ciência e a técnica, até bom pouco tempo atrás idolatradas, tendem hoje a ser execradas ou diabolizadas, não digo por seus críticos, mas por todo um conjunto de pessoas que nelas perdem a fé e a esperança e passou a crer e a confiar em novas ‘divinidades’”*<sup>12</sup>

O positivismo, uma das vertentes do Iluminismo, foi um dos responsáveis pelo esvaziamento do valor da subjetividade, da metafísica, da ética, atribuindo à ciência neutralidade e possibilidade do alcance de um saber objetivo, gerando relações humanas estéreis, sem sentido, sem emoção, mecanicistas. Gestou-se uma falsa concepção de homem, que gerou uma falsa concepção do seu fim último. Hoje em consequência, a subjetividade reclama seu direito de falar, de interpretar e de saber<sup>13</sup>, através de diversas formas e expressões: pela poesia, pelo mito, pela mística e por outras maneiras irracionais. O Niilismo já foi um esforço de criticar o processo civilizatório da sociedade Ocidental, colocou-se como uma antítese à modernidade, principalmente, no caso de Nietzsche, que investiu “pesado” contra a moral cristã, responsável pela “*verkehrtheit*”, isto é, pela inversão de fins e propósitos.<sup>14</sup> Foi segundo ele um processo de “*decadence*”, entendido como “*negação da hierarquia dos valores que até então constituíram as condições de sustentação e incremento desta mesma organização*”<sup>15</sup>.

O meu objeto de estudo não é a crítica do Niilismo, apenas constatar que a modernidade já foi alvo de críticas anteriores a atual. Porém, vejo que esta contribuiu de fato como antítese à modernidade, eliminando seus fundamentos e contribuindo para uma crise existencial do homem ocidental, para uma visão de mundo e de homem, sem sentido, sem projeto, baseado no “*nada*”, no “*vazio*”. Confundiram a ética com a moral de então e com isso reforçaram o esvaziamento da Ética. Apesar de haver autores que entendem que o texto “*ser e o tempo*”, de Heidegger, é uma teoria do existir humano, e que pode ser entendido como uma ética<sup>16</sup>.

Porém, na presente década, a crise e a crítica assinalam um espaço para a ética. Os próprios cientistas se questionam pelo uso do resultado de suas pesquisas, como foi o caso dos responsáveis pela construção da bomba atômica, dizendo que não queriam sua explosão. Diante disso indaga Japiassú:

*“Quem, dentre os protagonistas de nossa atual tecnociência sabe verdadeiramente para onde quer ir, não do ponto de vista do ‘puro saber’, mas quanto ao tipo de sociedade que deseja construir e aos meios que a ela conduzem”*<sup>17</sup>.

Em toda crise há riscos e possibilidades; nesse caso, o risco do extremo, do obscurantismo e do outro lado, a possibilidade da ética como interlocução. O meu objetivo não é apontar um juízo de valor sobre a ética, mas concordar com os que vêem um espaço para a ética e da necessidade do seu retorno

## 3. A questão da neutralidade científica

Estou ciente de que não há unanimidade quanto a questão da possibilidade da neutralidade científica, isto porque não há unanimidade quanto ao conceito de ciência que, segundo alguns, é um conhecimento objetivo, o que não se aplica ao conhecimento filosófico ou similares. No entanto é preciso desmistificar a visão da neutralidade científica. Japiassú escreveu um texto sob o título: “*O mito da neutralidade científica*”.

A neutralidade científica se fundamenta numa concepção epistemológica que é possível o

sujeito apreender o objeto, numa relação unilateral, priorizando o objeto na relação congênita: sujeito-objeto. A prática científica, nessa dimensão, pressupõe para a pesquisa e para a produção do conhecimento científico autonomia e imparcialidade. Hughlancey no seu texto “*Valores e atividade científica*” apresenta duas teses para sustentar a neutralidade que “*uma teoria científica não implica logicamente juízo de valor algum; ou a aceitação de (crença em) uma teoria não compromete racionalmente ninguém com a adoção de quaisquer juízos de valor particulares*” e “*a aceitação de uma teoria científica não sustenta nem subverte a adoção de qualquer perspectiva de valor: o juízo de que uma teoria é corretamente aceita não tem consequências (positivas ou negativas) referentes à perspectiva de valor que se adote*”<sup>18</sup>.

No entanto, é preciso considerar que o cientista se aproxima do mundo para compreendê-lo e interpretá-lo através de uma linguagem, por paradigmas e o faz através de uma teoria e esta não é neutra. Ora, o saber não é dado, mas construído e como tal, sua verdade não é em absoluto objetiva e definitiva. Naturalmente, isso pressupõe uma outra visão epistemológica, onde a relação congênita é dialética. É preciso considerar que o cientista é homem como qualquer outro, e sujeito à mesma vulnerabilidade. Pressupor que é possível sua imparcialidade e a realização da neutralidade científica é um equívoco, pois a opção por dada teoria já implica um valor.

É difícil sustentar a prática da neutralidade da pesquisa científica, considerando que o cientista na dinâmica social está a serviço do poder econômico e político, nesse sentido torna-se cúmplice do prolongamento de uma ideologia industrialista. Diz Japiassú:

*“Se não podemos deduzir uma ética da ciência, tampouco devemos admitir que a ciência funcione sem interrogar-se sobre seus fins, notadamente sobre a natureza do poder a que serve. Por isso, nesse domínio, o que mais nos falta não é o conhecimento do que ignoramos, mas a capacidade de pensarmos o que já construímos”*<sup>19</sup>

É importante ressaltar que a concepção mecanicista do real deu a pesquisa empírica

primazia e o seu método foi, aos poucos, sendo concebido como garantia de se chegar ao conhecimento objetivo e também como a garantia do conhecimento neutro, como diz Elisabete M..M. de Pádua: “*chamamos a atenção para o fato de que o método foi aos poucos sendo visto como técnica, como garantia de um conhecimento neutro sobre o real...*”<sup>20</sup> Porém, a opção de um método já implica uma concepção de mundo. A atividade de pesquisa implica uma intencionalidade. Isso se dá num contexto histórico onde existe uma economia, uma política, uma religião. Por isso a impossibilidade de uma neutralidade científica.

#### 4.A função da ética na pesquisa científica

Se de um lado se tem excluído a ética da pesquisa científica, do outro lado tem surgido críticas quanto ao divórcio entre ciência e ética, reivindicando sua presença e sua função, principalmente diante do avanço do poder tecnológico.

A questão que se coloca é de que forma a ética poderá auxiliar e servir a pesquisa científica

Isso não seria um retorno ao passado, aos fundamentos conservadores, moralistas. Que ética será de valia, para não obstruir o avanço de novas descobertas científicas. Naturalmente que a resposta, qualquer que seja, terá de fundo um paradigma ou a falta dele, uma visão de mundo, ou a falta dela.

Entendo que a ética auxilia para que sejam feitas algumas perguntas. É preciso que a sociedade e em especial a “*sociedade científica*” se coloque algumas questões e nesse sentido, a função da ética. O cientista ou a quem presta seu serviço, precisam interrogar-se sobre os fins da pesquisa, sobre a natureza do poder a que servirá o resultado, pois a ciência divorciada da ética não se preocupa ou não examina “o que”, apenas lida com o como; ela “*não interroga o objeto*”, apenas “*o manipula*”<sup>21</sup>. Portanto, uma das funções da ética é estabelecer perguntas.

A ética também tem a função de auxiliar na regulação da pesquisa científica, pois cada vez mais se produz um poder sobre o qual se perde o poder. A pesquisa precisa fazer parte de um projeto de sociedade e de homem. Nesse sentido, a ética

não é uma ética de mera obrigação, mas uma ética de projeto, a ética teleológica, conforme apresentado na primeira parte do texto. A pesquisa científica só se justifica eticamente quando seu resultado está com vistas para a humanidade, como construção do bem comum, para a felicidade da sociedade, ela não se justifica em si mesma, se seu resultado não for socializado, sem um fim. É preciso resgatar princípios fundantes para o agir humano, sem os quais não há referencial de “saída” e nem de “chegada”, não há sentido, tudo passa ser válido.

Os Comitês de Ética em Pesquisa nas universidades poderão participar da função regulador, para isso, deverão serem fortalecidos.

A ética também tem uma função profético-pedagógica. Entendo que a ética pode contribuir denunciando práticas de risco, identificar ações que configuram o mal social. Porém, não apenas como denúncia, mas também no sentido do anúncio, indicando fundamentos para basear ações. Cabe lembrar que a educação não visa apenas instrumentalizar o homem, mas sobretudo proporcionar esclarecimento, para que haja autonomia com responsabilidade.

A quem cabe a responsabilidade de conduzir a pesquisa para um parâmetro ético, se na era da globalização, na chamada pós-modernidade, se vê a fragmentação Como diz Marilena Chauí:

*“O pós-modernismo faz opção pelo contingente. E, com ela, opta pelo fragmento, efêmero, volátil, fugaz, pelo acidental e descentrado, pelo presente sem passado e sem futuro, pelos micros poderes, microdesejos, microtextos, pelos signos sem significados, pelas imagens sem referentes, numa palavra, pela indeterminação que se torna, assim, definição e o modo da liberdade”* <sup>22</sup>

Parece-me que é possível identificar quatro atitudes que decorrem dessa relação social fragmentada, sem projeto e sem sentido: 1- A atitude do isolacionismo (ou eremitismo), que na época atual, considerado “tempo real”, onde, espaço e tempo se identificam, torna-se difícil e passa a ser um “isolamento subjetivo”. 2 - A atitude

do conformismo (acomodação e assimilação), que passa a ser alienação. Talvez seja a mais comum., um viver conforme as “ondas” e o “sopro do vento”. 3 - A atitude do oposicionismo (reação contrária, oposição à tudo que é novo). Atitude que se identifica com o conservadorismo, com as ortodoxias, que querem um retorno, o impossível. 4 - A atitude de cooperação (participação, envolvimento), é a forma pela qual a sociedade em geral e em particular a “sociedade científica” poderão encontrar um equilíbrio. É a pesquisa científica democrática e socializada.

É preciso acordar em tempo para que não sejamos dominados pelo avanço científico-tecnológico e se quisermos participar da construção de uma pós-modernidade e da civilização do próximo milênio. Para isso é preciso que a ética contribua para propósitos nos quais sejam garantidos o direito à liberdade, à cidadania; onde o equilíbrio ecológico seja garantido e, principalmente, onde nenhum ser humano seja excluído do mínimo para a vida livre e criativa. Para que o processo civilizatório seja enriquecido enquanto construção de relações humanitárias.

#### NOTAS

- (1) Ernst TUGENDHAT, Lições sobre ética, p. 35
- (2) Norberto BOBBIO, Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant, p.50
- (3) ARISTÓTELES, Ética, p. 13
- (4) Ibid, p. 13
- (5) ARISTÓTELES, Ética, p. 14
- (6) Ibid, p.14
- (7) Ibid, p. 83
- (8) Ibid, p. 129
- (9) Adolfo S. VASQUEZ, Ética, p. 12
- (10) Adolfo S. VASQUEZ, Ética, p.49
- (11) Hilton JAPIASSÚ, A crise da razão e do saber objetivo; as ondas do irracional, p. 41-66
- (12) Hilton JAPIASSÚ, A crise da razão e do saber objetivo; as ondas do irracional, p 42
- (13) Ibid, p. 50
- (14) Benedito NUNES, A crise do pensamento, p.3
- (15) Ibid, p.4
- (16) Benedito NUNES, A crise do pensamento, 73
- (17) Hilton JAPIASSÚ, A crise da razão e do saber objetivo; as ondas do irracional, p.45
- (18) Hugh LACEY, Valores e atividade científica, p.83
- (19) Hilton JAPIASSÚ, A crise da razão e do saber objetivo, p. 61
- (20) Elisabete M.M de PADUA, Metodologia de pesquisa científica, p.26
- (21) Hilton JAPIASSÚ, A crise da razão e o saber objetivo, p. 46
- (22) Marilena SHAUÍ. Público, privado, despotismo, in BIGNOTTO, Newton e outros, Ética, p.346

## BIBLIOGRAFIA

1. BOBBIO, Norberto. *Direito e estado no pensamento de Emanuel Kant*, 4º ed. Brasília: Ed. UNB, 1992, 168p.
2. CHAUI, Marilena. Público, privado, despotismo, in GIGNOTTO, Newton e outros. *Ética*. São Paulo: Caomphnia das Letras, 1997, p. 345-356
3. FROM, Erich. *A revolução da esperança, por uma tecnologia humanizada*. 4º ed. São Paulo, Zahar Editora, 1981, 169p
4. JAPIASSÚ, Hilton. *A crise da razão e do saber objetivo; as ondas do irracional*. São Paulo, Letras & Letras, 1996, 231p.
5. LACEY, Hugh. *Valores e atividade científica*. São Paulo, Discurso Editorial, 1998, 122p.
6. MORAIS, Regis de. *Filosofia da ciência e da tecnologia*. 6º ed. Campinas, Papirus, 1997, 180p.
7. NUNES, Benedito. *A crise do pensamento*. Belém, Ed. Universidade UFPA, 1994, 206p.
8. SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética*. São Paulo, ed. Loyola, 1996, 685p.
9. SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. São Paulo, UNESP, Ed. Brasiliense, AS, 1996, 157p.
10. TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997, 430p.
11. VASQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1982, 286p.